

TE 247
Quinta Coluna - Peça teatral

VITÓRIA (ES).

A GAZETA

Com 19 atores, segundo prevê o diretor José Luiz Gobbi, a montagem de 'Quinta Coluna' será bastante original. O texto da peça, escrito pelo jornalista Amylton de Almeida, é uma denúncia contra o nacionalismo de Getúlio Vargas e retrata a situação de duas famílias de imigrantes em Afonso Cláudio.

Caderno Dois



Serra Pelada, município de Afonso Cláudio, agosto de 1942: a população sai às ruas para festejar Vargas e o nacionalismo

Companhia Dramática prepara 'Quinta Coluna'

Linda Kogure

A Companhia Dramática do Espírito Santo já prepara a primeira montagem de 87: **Quinta Coluna**, do jornalista e crítico Amylton de Almeida. Com Cz\$ 160 mil disponíveis, a Apatedees (Associação Profissional de Artistas e Técnicos em Espetáculos e Diversões do Estado do Espírito Santo) decidiu enviar cartas-convites aos quatro diretores teatrais associados para a montagem de uma peça. Dos quatro, apenas José Luiz Gobbi enviou o projeto de **Quinta Coluna**, uma denúncia do nacionalismo de Getúlio Vargas e dos saques provocados, em agosto de 1942, durante a Segunda Guerra Mundial, por brasileiros contra os alemães, italianos em especial e seus descendentes, no interior do Espírito Santo.

Para esta montagem já estão confirmados os seguintes nomes: direção geral, José Luiz Gobbi; assistente de direção, Rômulo Mussiello; figurinos, Renato Saudino; iluminação, Val Castiglioni e cenografia, Maurício Silva. Para o elenco foram convidados Beth Casé, Márcia Gáudio, Papi Monteiro, Alcione Dias, Carlos Vasconcelos, Rita Elvira, Robson de Paula e Alvarito Mendes Filho.

Com o **Quinta Coluna** pretende-se, segundo Gobbi, abrir um novo espaço cultural em Vitória. A idéia inicial é que seja um galpão, talvez em Jardim da Penha. Com 19 atores, o **Quinta Coluna** não poderá ser montado num palco italiano. Gobbi acha que o espaço terá que ser retangular, onde, em uma das extremidades, ficará a casa dos portugueses, e na outra, a casa dos alemães. Mais na área central, em forma de cruz, duas ruas que seriam a vila, e a platéia seria distribuída nas esquinas destas ruas. Além disso, a idéia inicial é que sejam construídas, num plano superior,

espécies de torres, onde seriam encenados os episódios da escola, as sessões de tortura na delegacia, entre outros.

A previsão de custos iniciais, segundo Rômulo Mussiello, está em torno de Cz\$ 382.860,00 e a Companhia Dramática já tem disponível Cz\$ 160 mil. O resto virá via lei Sarney, ou seja, Cz\$ 238.860,00. Os ensaios estão na dependência de verbas. Mas, possivelmente, no início do próximo mês, as primeiras cenas estarão sendo trabalhadas. Gobbi e Rômulo calculam que levarão três meses de trabalho até a estréia. Mas tudo ainda está para ser feito. Até a adaptação do texto, que, para Gobbi, é bastante literário.

O texto

Amlyton de Almeida denuncia em seu texto fatos que ocorreram no interior do Espírito Santo, mais precisamente em Afonso Cláudio. Os alemães, os italianos e os japoneses foram saqueados no Brasil, durante a Segunda Guerra Mundial. Mas no interior do Espírito Santo, garante Amylton, os saques foram feitos em "nome da democracia". É um fato histórico que nunca foi divulgado, porque Getúlio Vargas "difundiu o pensamento político do nacionalismo que existe até hoje". Ele assegura que a proposta de "democracia" da época prejudicou a muita gente de origem estrangeira, enquanto os brasileiros enriqueceram com os saques". Mas os italianos e, em especial, os alemães, silenciaram sobre tudo o que sofreram.

O jornalista afirma que mesmo os descendentes de estrangeiros nascidos no Brasil eram acusados de quinta coluna e explica um dos personagens, o pastor, mantinha, de fato, em Afonso Cláudio, uma juventude hitlerista, embora ele não enfoque isto no texto, preferindo abordar mais "os fundamentos da democracia". Na verdade, Amylton de Almeida redigiu **Quinta Coluna**, por motivos pessoais (sobre os quais ele prefere não falar) em 1985, quando seus avós morreram.

A denúncia contra o nacionalismo de Vargas

Tudo se passa numa vila (Afonso Cláudio), no sul do Espírito Santo. A cena um do ato um corresponde a 1935, no Estado Novo. Da cena dois em diante são os dias 17, 18, 19 e 20 de agosto de 1942, em plena Segunda Guerra Mundial. A história, em dois atos, é narrada por duas crianças, que não entendem o processo histórico e, por isso mesmo, tentam a todo custo mudar o rumo da história. Através de metáforas, as crianças conduzem as ações.

De um lado, a família dos portugueses (vovó, vovó, papai, mamãe, a tia, mana (a babá das crianças), o menino e a menina) e de outro, os alemães, o pastor e sua mulher e a empregada Hulda. Em plena festa, ainda em 1935: na terra de protestantes, a inauguração da primeira igreja católica. Vovó presente que alguma coisa vai acontecer. Mas o mais informado é vovó, ex-vereador do local, que conta ao pastor Helm que os brasileiros descobriram "que nesta parte do Estado só se ensina alemão para os meninos alemães".

A Segunda Guerra Mundial está distante daquele povoado. As únicas informações que chegam são através do rádio da família portuguesa. Desde o início, quem denuncia a ação dos brasileiros é vovó: Na capital (Vitória), o povo (os brasileiros) apedrejou e saqueou todas as lojas dos alemães, dos italianos, dos japoneses. Mesmo dos descendentes. Mesmo dos que nasceram aqui". O pastor (hitlerista) sempre confiante, diz: "Não temos que ter medo aqui. Este é o país do futuro".

Os portugueses traçam planos para salvar todo o povoado. Eles sabem que serão perseguidos, saqueados, sob acusação de serem quinta coluna, os traidores, os espíões, os aliados do Eixo. O pastor e sua mulher acham que não. São os enviados de Deus. No texto não há referências sobre o nazismo, que o diretor geral, José Luiz Gobbi, pretende adaptar. Os portugueses já não acreditam mais no Brasil, a terra prometida.

Traçados os planos, a vila só será invadida no segundo ato. O tenente e sua tropa armada inva-

dem a escola. "Onde estão os homens desta vila, onde só vejo mulheres e crianças?" As detenções começam e Hulda, desesperada, confusa e apaixonada pelo patrão, acaba entregando a tia e a mulher do pastor como quinta coluna. Tudo para livrar sua pele. No rádio, as notícias: "Não ficará impune o gesto miserável dos nipo-nazi-fascistas. Aqui, onde se fizeram sentir os nefastos efeitos da ação dos criminosos alemães, auxiliados pelos pestilentos elementos da quinta coluna, erguem-se os milhares de braços para castigar os insolentes traidores da pátria".

As sessões de tortura começam. Afinal, os homens fogem. Cadê os alemães? E os papéis do tabelião? Na casa dos portugueses, vovó prepara refeições para toda a tropa. Enquanto a tia lhe implora que faça alguma coisa ("mataram seu filho, mãe, mataram") vovó pensa em fazer doce de abóbora. Depois, agarrada ao cadáver, diz: "Tu fostes feito para este país. Viver neste país não deixa espaço para mais nada. Mas eu tinha o paraíso. Eu cavuquei esta terra e ela sempre me cuspiu. Nós falamos demais. Nós somos só palavras. E este país tem muita luz. E Deus nem precisa existir".

No segundo ato vovó passa a protestar mais amargamente contra todo esse nacionalismo, vovó está sendo torturado: "Cada dia este país pede para ser amado. E eu não o amo. Como amar esses frutos que ele não dá, meu filho?... Desordem, sordidez e corrupção. Este país é pura luz"... "Quando eu pisei na América eles queriam que eu bejasse o chão". Mas, de repente, esta imigrante está diante de cenas de terror. E ouve relatos do tenente, do tipo: "A honra nacional será vingada. Guerra, guerra em nome da civilização cristã. Defenderemos honrosamente o solo em que nascemos".

E os saques foram praticados, segundo o autor, Amylton de Almeida, contra pessoas inocentes. O texto de **Quinta Coluna** enfoca não só a ganância desse nacionalismo como também a violência, o medo, a fuga da mãe ("quando eu cheguei nesta terra eu não trouxe filhos e, depois, da família dos portugueses, a tortura, a carência das crianças (sem a mãe e com o pai ganhão), o sofrimento e a frustração dos imigrantes que sonhavam em encontrar aqui a terra prometida. (Mais teatro na página 2)